

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 966	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial — Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	\$650	\$120	30 DE OUTUBRO DE 1905	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro (junio, geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

## Visita do Presidente Loubet a Lisboa

### Chronica Occidental

**D**IALOGO suprehendido entre os srs. Kergall, vice-presidente do conselho de administração dos caminhos de ferro, e Mauricio Rouvier, presidente do conselho e ministro dos negocios estrangeiros de França, que, tendo de estar em Paris antes da reabertura das camaras, partiu no *Sud-express* de sexta-feira. Chegara de Madrid muito constipado e restabelece-o quasi o bom sol de Lisboa.

Dizia-lhe o sr. Kergall:

— Se pudesse demorar-se mais uns dias, iria de todo curado.

E respondeu-lhe o ministro:

— Foi certamente este clima maravilhoso que me poz quasi bom de saude. Seria meu desejo demorar-me, não muitos dias, mas muitas semanas, n'esta Lisboa, onde, ao mesmo tempo, se alegram os olhos e as almas.

Estas poucas palavras, sahidas espontaneamente d'um coração, proferidas a um estrangeiro, e felizmente colhidas para que dessem volta à imprensa portugueza, aquella alegria dos olhos e da alma, que umas horas passadas já transformariam em saudades, que bello thema seriam para muito mais do que uma simples chronica noticiosa das festas de Portugal à grande França, aqui representada por seu chefe de Estado, aclamado estrondosamente.

«Portugal é a gloria da raça latina», dissera Loubet ao nosso collega Mello Barreto, na curta audiência, que lhe concedera em Madrid. Que era a nossa nação digna de ser respeitada, já o sabia, nem podia, por sua illustração, deixar de o saber o presidente da Republica franceza. Aprenderia agora a amal-a, como ella merece; ficaria sabendo quanto em Portugal amamos e veneramos a granda nação latina, tamanha na historia, e que, mais do que nenhuma, influu na educação intellectual da nossa gente. O grito *bemvindo* sahiu entusiastico de todos os peitos, e o presidente Loubet levava d'aqui confortada a sua alma por tantas expressões carinhosas, desde o sorriso da Rainha até às expansões populares.

Todos decerto nos fizeram justiça n'esta occasião. Os francezes, que vivem entre nós, aproveitaram-a, e pela bocca do Dr. Henri Mouton, que em nome da colonia franceza, na recepção de sabbado, leu a mensagem ao presidente, manifestaram toda a sua sympathia pelo pequeno paiz onde trabalham e que lhes dá hospitalidade. Nobre nação lhe chamaram, recordando suas ligações com a França pelo espirito e pelo coração. Ao povo portuguez referiram o seu reconhecimento.



CHEGADA AO PAÇO DE CINTRA  
— S. M. A RAINHA PELO BRAÇO DE  
MR. LOUBET, S. M. EL-REI E S. S. AA.  
O PRINCEPE REAL E INFANTE D. AF-  
FONSO.



NO PAÇO DE CINTRA, DEPOIS DO ALMOÇO — GRUPO DE SUAS MAGESTADES E ALTEZAS COM MR. LOUBET E CONVIDADOS  
(Instantaneos do sr. Benoliel)

Foi assim que o Dr. Henri Mouton começou, com a maior gentileza. Ainda antes de saudar aquelle a quem a colonia franceza ia prestar a sua homenagem, quiz que elle soubesse quanto era amigo do paiz que tao nobremente o acolhia.

«Aqui, accrescentou elle, todos nos esforçamos, cada qual em sua humilde esphera, para fazer que o nome francez seja estimado e amado».

Não devemos deixar de agradecer ao Dr. Mouton, tão querido entre nós, as suas expressões tão amáveis e tão honrosas; mas justissimo é não esquecer nunca a resposta de Loubet á mensagem dos seus patricios, quando asseverou que entre nós se achava tão perfeitamente como no proprio solo da sua patria.

Dias de grandes festas foram estes e até o proprio céu, contra o que era de esperar, se abriu todo em sorrisos, depois d'uns dois ou tres dias de rigorosissimo inverno. Portugal, que lá por fora gosa d'uma exaggeradissima fama de ser senhor d'uma primavera eterna, encheu-se de brios e encarregou o vento norte de levar, para onde melhor o entendesse, todas as suidades do céu. Na sexta-feira apenas uns cirrusitos menos republicanos caratearam no azul. No sabbado o céu não tinha uma só mancha, e foi esse o dia escolhido para o passeio a Cintra e para as illuminações na bahia de Cascaes.

Foram verdadeiramente maravilhosos esses passeios e, discursando sobre o que mais o encantara na sua viagem, não deixou o presidente Loubet de se referir ao profundo encanto que sentira admirando os panoramas da serra de Cintra e o quadro das *Mil e uma noites*, que assim lhe pareceu, esplendidamente illuminado, o grande lago quietissimo que se arredonda á entrada do Tejo.

Clima e opulencias da natureza deram maior valor ainda ás alegrias de curtas horas, tanto para lembrar mais tarde.

E' talvez o outomno a estação do anno mais propria para se admirar Cintra, quando já começam a doirar-se as folhas dos choupos e os pontos d'ouro scintillam por entre os troncos e a folhagem verde-negra dos grandes pinheiros. Cintra, que é bella sempre, tem n'estes principios do verão de S. Martinho, uma doçura maior, um perfume de mais suave poesia.

Bem lembrado foi o convite dirigido aos jornalistas para o almoço que lhes foi offerecido na mais pittoresca villa do mundo. As horas que lá se demoraram foram curtas demais, mas a impressão por elles recebida será decerto immorredoura.

Ao dia esplendido seguiu-se uma esplendida noite, noite sem luz, cuja escuridão mais fazia realçar a illuminação dos navios no mar sereno e a da bella curva dos montes junto á praia do Estoril. Realisava-se o *raout* na cidadella de Cascaes e de todos os lados se ouviam exclamações de pasmo ante o quadro que mais parecia um sonho de orientaes do que uma verdade realisada pelo bom gosto artistico d'um homem.

Favoreceu-nos o outomno, favoreceu-nos até o céu enchendo-se de novas nuvens, quando o *Leon Gambetta* aprouou para a barra, como a querer mostrar que se vestia de luto pela ausencia do honrado e prestigioso velho que nos viera por dois dias alegrar com sua presença. Para que mais era preciso o sol?

Poucas vezes Lisboa se mostrou tão animada como agora. As festas foram para todas as classes, para os que na cidadella de Cascaes se juntaram em sarão elegante, festejando o estreitamente de relações entre Portugal e a França, e para o povo que, em massa compacta, percorria as ruas da Baixa e o Chiado e a rua do Carmo, admirando as illuminações.

O povo tomou na festa uma activa parte e, mais uma vez, por sua educação, sabendo manter a ordem, fora de todos os apparatus policiaes, soube merecer o elogio unanime de todos os estrangeiros que nos visitaram.

Se á chegada do presidente a Lisboa, alguns romperam o fragil cordão que os continha e seguiram ao lado dos coches dando vivas ao hospede illustre que a França nos mandava, fora o entusiasmo que os fizera sabir por instantes da ordem e o approximarem-se dos coches não significava uma ameaça, mas sim um desejo de melhor expandir a alegria da alma.

Era o cortejo imponentissimo, e as lindas carruagens ainda foram, depois, no museu aberto ao publico ha poucos mezes, visitadas e novamente admiradas pelo presidente, como já o haviam sido por todos os estrangeiros, que no anno passado, acompanharam a Lisboa os reis de Inglaterra e o Imperador da Allemanha.

Nem um instante esfriou o entusiasmo. No Colyseu e na Praça do Campo Pequeno teve elle outra vez occasião de manifestar-se. E se algumas notas houve discordantes, tão sem valor foram

ellas, que seria dar-lh'o fazer aqui menção das insignificantisimas desafinações.

Por toda a parte Loubet foi aclamado como devia e era seu direito esperar. Em alguns pontos, porém, essas acclamações foram deveras significativas, devendo especialisar-se as recepções que teve na Sociedade de Geographia e, no dia em que de nós se despediu, no palacio da Camara Municipal.

Tanto as suas palavras, respondendo ás saudações que lhe faziam, como as que, depois, dirigiu ao Sr. D. Carlos e á rainha sr.<sup>a</sup> D. Amelia, já a bordo, na hora de partir, diziam bem a sua commoção, a sympathia que Portugal lhe inspirava, os seus desejos da approximação da França, que o elegeu presidente, com este paiz, tão pequenino, mas que tanto e por tantos seculos, foi heroe nos mais brilhantes capitulos na historia dos progressos da humanidade.

Nos paços ou na Camara, fallando a portuezes ou a francezes, respondendo a uma frase amavel da Rainha ou elogiando a um chefe de policia um serviço prestado, sempre a mesma sympathia se lhe revelava na palavra e se lhe revelava nos olhos, a que, alguma vez, a commoção chegou a trazer suas lagrimas.

Agora partiu. Leva consigo uma lembrança que lhe encherá para sempre o coração. Alguem, porque é mania nossa, lhe ensinaria a palavra saúde. Esta lhe ha de acariar o coração, como coisa muito nossa, falando lhe em lingua dulcissima, e que falavam os que tão carinhosos com elle se mostraram.

Será mais uma alegria para a velhice em que elle já entra, venerado e amado por todos os seus e pelo mundo inteiro, homem talvez dos mais felizes no inteiro mundo.

JOÃO DA CAMARA.

#### VISITA DO PRESIDENTE LOUBET A LISBOA

Conforme o programma official, o comboio conduzindo o Presidente da Republica de França, chegou ao Entroncamento ás 8 horas e 47 minutos da manhã do dia 27.

Sobem no ar girandolas de foguetes e morteiros, e cinco bandas de musica tocam a *Marselheza*. Os vivas a Loubet e á França repetem-se por milhares de bocas, e o Presidente agradece, risonho e satisfeito, assumando á portinhola da carruagem. A guarda d'honra do regimento 23 apresenta armas.

Na estação aguardavam o Presidente da Republica de França os srs. ministro das obras publicas D. João d'Alarcão, ministro dos estrangeiros Eduardo Villaça, ministro de França em Portugal Charles Rouvier, secretarios da legação Cernay e Lebrun, ministro de Portugal em França, Thomaz Roza, conde de Tarouca, Seabra de Lacerda e Valerio Villaça. Governador civil de Santarem e substituto, commandantes e officiaes superiores de artilharia 3, e caçadores 6, camaras municipais de Santarem, Barquinha, Abrantes, Constancia, Thomaz e Torres Novas com suas insignias e estandartes, varias sociedades e commissões republicanas e socialistas.

Era enorme a multidão, vendo-se muitas senhoras que tomavam parte no entusiasmo com que foi saudado Mr. Loubet.

Feitas as apresentações officiaes e cumprimentos, M. Loubet desceu por alguns minutos da carruagem e veio apertar a mão aos vereadores das municipalidades ali representadas, não cessando as bandas de tocar a *Marselheza* e o povo de victoriar o Presidente da França.

Esta primeira recepção feita a Mr. Loubet, logo o impressionou agradavelmente, como pronuncio do acolhimento festivo e excepcionalmente entusiastico que o aguardava em Lisboa.

As 8 horas e 57 minutos, o comboio, decorado com festões de flores e tropheus de bandeiras portuezas e francezas, seguiu sua marcha para Lisboa, ouvindo-se ainda por algum tempo os calorosos vivas da multidão, que não cessava de victoriar o Presidente da Republica de França.

O comboio rodava rapido em sua marcha accelerada, e Mr. Loubet ia vendo prepassar os campos lindos d'este jardim de Portugal, que lhe traziam á lembrança as paizagens da sua terra, onde nascera e passara a infancia, tão semelhantes ás que ora seus olhos desfructavam.

A natureza parecia tambem associar-se á festa presenteando-nos com um dos melhores dias de outomno, de céu azul purissimo, que o sol creador e amavel banhava de luz.

São 10 horas e 47 minutos na estação do Rocio Ouve-se o silvo d'uma locomotiva. E' o comboio expresso de Cascaes em que vem S. M. El-rei D. Carlos e S. A. o Principe Real Luiz Filipe, para receber o Presidente da Republica de França. S. A. o Infante D. Affonso havia chegado pouco antes com o seu ajudante, sr. tenente Senna.

Acompanham Sua Magestade os srs. marquez de Soveral, condes de Sabugosa, de Arnoso e de S. Lourenço, coronel Antonio Costa, capitães D. Fernando de Serpa e Alvim.

Na estação achavam-se já os srs. ministros do reino, da fazenda, da guerra, da justiça e da marinha, estando o sr. dr. Antonio Cabral representando o presidente do conselho sr. conselheiro Luciano de Castro que, por incommodo de saúde não poudo comparecer. Governador civil do districto, camara municipal de Lisboa, commandante das guardas municipaes, commandante da policia, officiaes superiores da marinha e do exercito, ministros de estado honorarios, pares do reino, deputados, titulares, membros da colonia franceza, jornalistas francezes, etc., etc.

As 11 horas em ponto surge á entrada do tunnel o comboio presidencial, e na estação ha um movimento geral que impelle todos para a carruagem do Presidente.

Resoa pela *gare* a *Marselheza* tocada pela banda da guarda municipal; soltam-se os primeiros vivas á França. O Presidente Loubet apeia-se da carruagem e presuroso vem ao encontro de El-rei D. Carlos, apertando-lhe affectuosamente a mão, trocando-se cordealmente os cumprimentos. Seguem-se as apresentações, cumprimentando M. Loubet a todos com extrema afabilidade e mostrando-se visivelmente satisfeito.

Organisa-se o cortejo, que se dirige para a sahida da estação, e no tracto repetem-se calorosos vivas, que Mr. Loubet agradece.

Os coches reaes veem descendo da Avenida para o largo de Camões, onde fazem guarda d'honra os aspirantes da Escola do Exercito. A agglomeração de povo é enorme, as bandas de musica tocam a *Marselheza* e a multidão levanta calorosos vivas.

Tres esquadrões de cavallaria da guarda municipal põem-se em movimento abrindo o cortejo.

Seis moços de estribeira a cavallo, com seus ricos e vistosos fardamentos voem á frente dos coches que seguem por esta ordem:

1.<sup>o</sup> coche: *D. Maria de Saboya*, ladeado por 8 moços de estribeira, conduzindo o sr. Paul Loubet, filho e secretario particular do Presidente da Republica; Mr. Combalat, chefe do secretariado particular do presidente do conselho de ministros de França; capitão Alvim, official ás ordens de El-Rei; e o sr. conde de Arnoso.

2.<sup>o</sup> coche: *D. Anna Victoria*, ladeado por 8 moços de estribeira, conduzindo o sr. Roulet, tenente coronel, ajudante de campo de Mr. Loubet; Mr. de Lacoste, commandante de batalhão, ajudante de campo de Mr. Loubet; coronel Antonio Costa, preceptor de Suas Altezas; e major Seabra de Lacerda, official ás ordens de serviço a Mr. Loubet.

3.<sup>o</sup> coche: *D. Jose I*, ladeado por 8 moços de estribeira, conduzindo o sr. Poulet, director do secretariado particular de Mr. Loubet; Mr. Reibell, tenente coronel, ajudante de campo de Mr. Loubet; capitão de fragata D. Fernando de Serpa, ajudante de campo de serviço a El-Rei D. Carlos e tenente coronel D. Antonio de Noronha (Paraty), ajudante de campo de serviço a Mr. Loubet.

4.<sup>o</sup> coche: *Infante D. Francisco*, ladeado por 8 moços de estribeira, conduzindo o sr. Moreau, director do gabinete do presidente do conselho de ministros de França; Mr. Huguet, capitão de fragata, ajudante de Mr. Loubet; conde de Tarouca, camarista de serviço a Mr. Loubet; e marquez-barão de Alvim, camarista de serviço a El-Rei.

5.<sup>o</sup> coche: *D. Maria d'Austria*, ladeado por 8 moços de estribeira, conduzindo o sr. general Dubois, secretario geral militar da presidencia e chefe da casa militar franceza; Mr. Mellard, ministro plenipotenciario introductor dos embaixadores; general Francisco Maria da Cunha, chefe da casa militar de El-Rei, e conde de Figueiró, mestre de cerimonias.

6.<sup>o</sup> coche: *Papa Clemente XI*, ladeado por 8 moços de estribeira, conduzindo os srs. Rouvier, dr. Combarieu, secretario geral civil da presidencia, conde de Sabugosa, mordomo mór, e duque de Loulé, estribeiro mór.

Por ultimo, o 7.<sup>o</sup> coche, de *D. João V*, para onde entram o Presidente Loubet, Sua Magestade El-Rei, Suas Altezas o Principe Real e o Senhor Infante D. Affonso.

Na frente d'este coche cavalgam os srs. capitães

Sobral e Craveiro Lopes; á portinhola, os sr. Craveiro Lopes general da 1.<sup>a</sup> divisão e tenente coronel Albuquerque, estribeiro-menor.

Fecha o cortejo uma brigada de cavallaria composta dos regimentos de lanceiros 2 e cavallaria 4, commandada pelo coronel sr. Mousinho d'Albuquerque.

Não é facil descrever o enthusiasmo que se apossou da multidão quando o coche real se poz em marcha.

A policia foi impotente para conter as ondas de povo que se precipitavam para saudar o Presidente da Republica de França, e, apesar das ordens terminantes que havia para que ninguém podesse seguir junto ao coche do Presidente e de El-Rei, o povo escoltou em massa este coche, n'um verdadeiro delirio de ovações, e o Presidente da Republica de França ponde vêr bem de perto o espontaneo e franco enthusiasmo, e, ao mesmo tempo, respeito com que era saudado e victoriado pelo povo portuguez.

Parece-nos bem que, a não ser na propria França, nenhuma outra manifestação mais espontanea e calorosa tera acolhido o representante d'aquella nação.

Por todas as ruas e praças revestidas de festivas gallas, e onde varias musicas de sociedades tocavam a *Marselheza*, o povo seguiu escoltando o coche real, e as ovações não cessaram até ao Paço de Belem, onde Mr. Loubet foi hospedado.

No Paço de Belem estava S. M. a Rainha D. Amelia para receber o Presidente da Republica de França, e tendo chegado a uma das janellas, o povo também lhe fez uma calorosa ovação.

Cerca das 4 horas da tarde Mr. Loubet sahio do Paço de Belem para se dirigir á Sociedade de Geographia, conforme marcava o programma da visita.

Ali era aguardado o Presidente da Republica de França e Suas Magestades El-Rei D. Carlos e Rainha Senhora D. Amelia, pelo ministerio e direcção da Sociedade.

A guarda d'honra era feita por uma força de marinheiros militares com a sua charanga.

Por entre alas formadas por senhoras, que calorosamente se associavam ás ovações enthusiasmicamente repetidas, entrou o Presidente e Suas Magestades o atrio da Sociedade de Geographia e subiram as escadas até á sala *Portugal*, onde ao extremo sul estava armado o throno em que tomaram lugar, dando Sua Magestade a Rainha, a direita a Mr. Loubet e a esquerda a Sua Magestade El-Rei.

A sala *Portugal* está repleta de convidados contendo grande numero de senhoras que, com seus trajes elegantes e coloridos, mais realçam sua formosura; homens ostentam fardas onde brilham os bordados e os galões de ouro e sobre

que assentam vistosos e reluzentes crachás, flores e bandeiras completam a nota festiva.

A orchestra entoa a *Marselheza*, e assim é recebido na sala o Presidente da Republica, levantando-se todos em respeitosa cortezia.

De repente faz-se silencio. E' o presidente da Sociedade sr. conselheiro Ferreira do Amaral, que vae proferir, em francez, o seguinte discurso, de que damos a traducção:

#### Senhor Presidente da Republica Franceza

SENHOR

«Saudando v. ex.<sup>a</sup>, com o mais sincero enthusiasmo, a Sociedade de Geographia de Lisboa dá as boas vindas ao chefe da nação latina, que mantém com Portugal, como sempre tem mantido, relações intellectuaes constantes e intimas. Desde o principio da carreira litteraria dos nossos filhos até aos livros onde estudamos as disciplinas das escolas superiores, é a França, quasi sempre a França, que nos transmite, e a nós mais que a nenhum outro povo da raça latina, talvez, e n'uma lingua que nos é mais ou menos familiar, a opinião de todo o mundo intellectual, o pensamento de todos aquelles que, na litteratura, nas artes e nas sciencias, a si proprios se engrandecem, esclarecendo o mundo inteiro.

Collaborando com Portugal na civilização do continente e dos povos africanos, a França, grande nação colonial e nossa boa vizinha em muitas regiões africanas, tinha positivamente o direito de receber na pessoa do seu venerando chefe politico, na sala *Portugal* da Sociedade de Geographia de Lisboa, a consagração enthusiasmica e amigavel que, n'este templo da patria portugueza, onde não se pensa senão no estudo dos problemas coloniaes, sentimos o dever de dar a todos os grandes e sympathicos trabalhadores que corajosamente se dedicam a completar, em Portugal, no presente e no futuro a obra grandiosa que Portugal encetou nos seculos quinze e dezeseis.

A ultima prova da collaboração sincera dos nossos dois paizes na solução do grande problema africano constata-se largamente pelos trabalhos da commissão mixta, que regulou as nossas fronteiras na Guiné, os trabalhos pelos quaes se obteve lealmente a conciliação das justas aspirações dos dois paizes interessados. Nada faltou á commissão mixta na sua perigosa missão para affirmar o accordo perfeito dos que a compunham; nem mesmo os episodios e as perigosas aventuras das luctas da civilização contra o obscurantismo dos selvagens indigenas.

Entre a Cassulol e o Cabo Roxo e em Kernay, os membros da commissão mixta, os francezes e os portuguezes, atacados de improviso pelos selvagens das tribus Felupes, como bons e leaes camaradas tiveram que sustentar um combate violento e encarniçado contra os barbaros, e francezes e portuguezes, unidos pelo mesmo pensamento generoso, tendo como fim o mesmo ideal que interessou todo o mundo, a civilização do continente negro, tiveram a gloria de combater e de vencer juntos.

Uma amavel attenção que a Sociedade de Geographia de Lisboa se permite lembrar perante Vossa Excellencia, inspirou ao dr. Macland, chefe da missão franceza, a ideia penhorante de propôr aos seus companheiros — e a resolução approvativa não se fez esperar — de fazer guardar no museu da nossa sociedade os trophes da victoria obtida. Aqui estão, apesar da modestia do seu valor material, considerados como garantia, largamente symbolica, da estima reciproca dos dois paizes: aqui ficarão sempre venerados e amados como merece o ideal generoso que dictou a amavel proposta do valente dr. Macland.

Dignae-vos, pois, sr. Presidente da Republica Franceza, ser, no regresso ao vosso paiz, o interprete da nossa admiração, a mais sincera, pela grande e sympathica nação que Vossa Excellencia representa tão brilhantemente; e pelo que respeita pessoalmente Vossa Excellencia, accitae os nossos votos, os mais enthusiasmas e os mais merecidos por todas as prosperidades de que o espirito, o coração e o caracter de Vossa Excellencia são dignos, votos que formulamos igualmente pela felicidade da França, por nós todos muito amada e muito querida.

A este discurso responde Mr. Loubet em calorosas palavras de improviso, principiando por agradecer a brilhante recepção com que é ali acolhido, tão significativa de sentimentos generosos e cordeaes para com a

França, que elle representa e em nome da qual elle agradece do intimo do seu coração. Manifesta o seu grande interesse pela paz dos povos e bem estar da humanidade que é todo o seu empenho. Diz que a França, trabalhando e luctando pelo progresso, collaborará com Portugal na civilização das raças africanas que os dois povos colonizam, e recorda as glorias da nossa historia que eternamente serão lembradas e que são a affirmação mais eloquente do valor do povo portuguez, terminando o seu discurso, por mais de uma vez interrompido por mal contidos applausos, com estas sentidas palavras:

«O coração da França ficará eternamente sensível a esta manifestação de sympathia e amizade, prestada ao seu representante, servindo para mais estreitamente unir a alma dos povos na realização do mesmo fim — a paz e a felicidade da humanidade inteira!»

Mr. Loubet deixou o seu nome inscripto no livro dos visitantes.

De regresso ao paço de Belem, o Presidente da Republica Franceza recebeu a mensagem da Associação Commercial e da Associação Commercial dos Lojistas de Lisboa, dando também recepção ao corpo diplomatico.

Às 8 horas principiou o jantar de gala no paço d'Ajuda, o qual foi servido na sala da Ceia, onde estavam dispostas duas mesas, occupando os lugares d'honra na primeira Sua Magestade a Rainha e Mr. Loubet, e na segunda Sua Magestade El-Rei e Sua Alteza o Principe Real. Na sala *D. João VI* havia outra mesa presidida pelos srs. conde de Figueiro e tenente-coronel D. Fernando de Serpa Pimentel.

No banquete tomaram parte a comitiva de Mr. Loubet, corpo diplomatico e corte, ministerio e ministros de estado honorarios, presidentes da Camara dos Pares e da Camara dos Deputados, da Academia Real das Sciencias, da Camara Municipal de Lisboa, da Associação Commercial, Casa Militar d'El-Rei, officialidade superior da armada e do exercito, cammandante do *Leon Gambetta*, etc.

A sala apresentava deslumbrante aspecto, tanto pela riqueza das baixellas e profusão de luzes como pela belleza das *toilettes* das damas, onde realçavam os brilhantes, e o esplendor das ricas fardas em que o ouro scintilava.

Ao *toast* El-Rei brindou ao Presidente da Republica Franceza, agradecendo no seu nome e no de Sua Magestade a Rainha, a visita de Sua Ex.<sup>a</sup> a Portugal; as attensões que sempre tem recebido da França nas suas viagens; a França, e ás relações de cordealidade que existem entre os dois paizes.

O Presidente da Republica agradeceu, dizendo sentir-se feliz por se encontrar em Portugal, onde tão amavel acolhimento tem tido de Suas Magestades e de todas as classes sociaes da nobre e gloriosa nação portugueza, brindando a El-Rei, a Rainha Senhora D. Amelia, Rainha Senhora D. Maria Pia, a toda a Familia Real e á nação portugueza.

Emquanto no paço d'Ajuda se realisava o jantar de gala, Lisboa apresentava n'essa noite extraordinario movimento nas principaes ruas da baixa até ao Paço de Belem, pela aglomeração de povo que percorria a custo as ruas illuminadas e onde a espaços tocavam em coretos bandas militares e algumas philarmonicas.

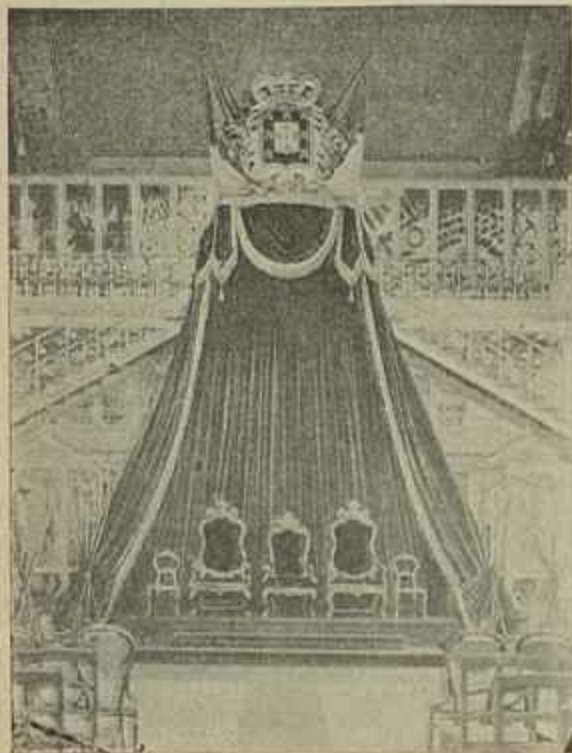
Era lindo o aspecto das ruas principiando pelo velho Chiado, rua do Carmo, Aurea, Augusta, rua da Prata e a dos Fanqueiros, sendo n'estas duas ultimas as illuminações á moda do Minho e nas outras a luz electrica. As decorações eram elegantes predominando as grinaldas de flores artificiaes e as bandeiras. A' entrada da rua do Carmo havia um vistoso arco formado com attributos da agricultura, assim como ao principio e fim do Chiado.

N'essa noite ainda o espectáculo do Colyseu, dedicado aos jornalistas francezes, chamou ali enorme concorrencia, achando-se o grande circo vistosamente decorado com bandeiras e festões de flores, verdura e ricas colchas de seda.

Havia um numero que especialmente mais despertou a curiosidade publica, e era o do orpheon infantil que, no palco, cantou a *Marselheza*.

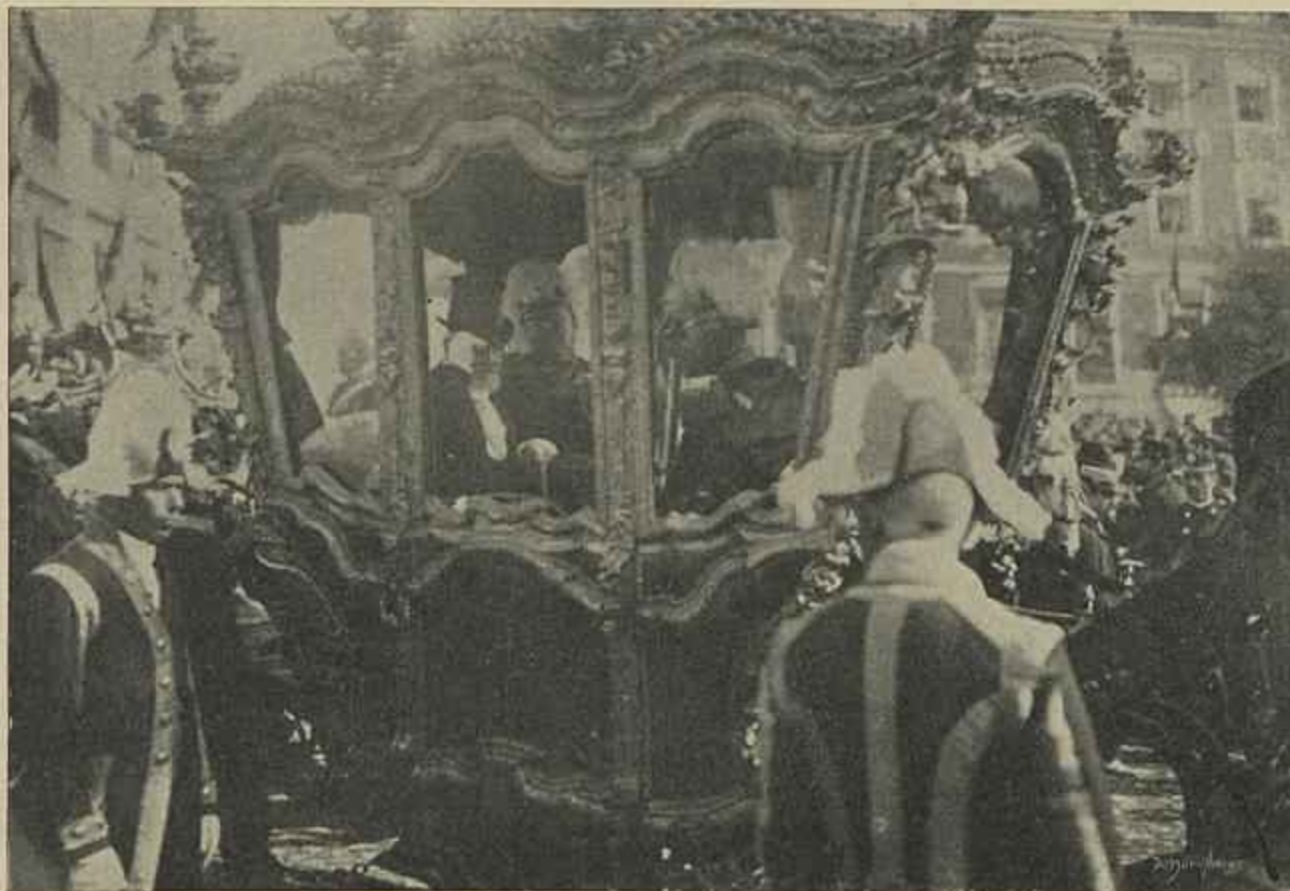
Foi extraordinario o enthusiasmo que este canto desenvolveu, e no grande circo resoaram estrepitosos applausos e ovações que tocaram o delirio.

O dia 28 foi o destinado para o passeio e almoço no Paço de Cintra.

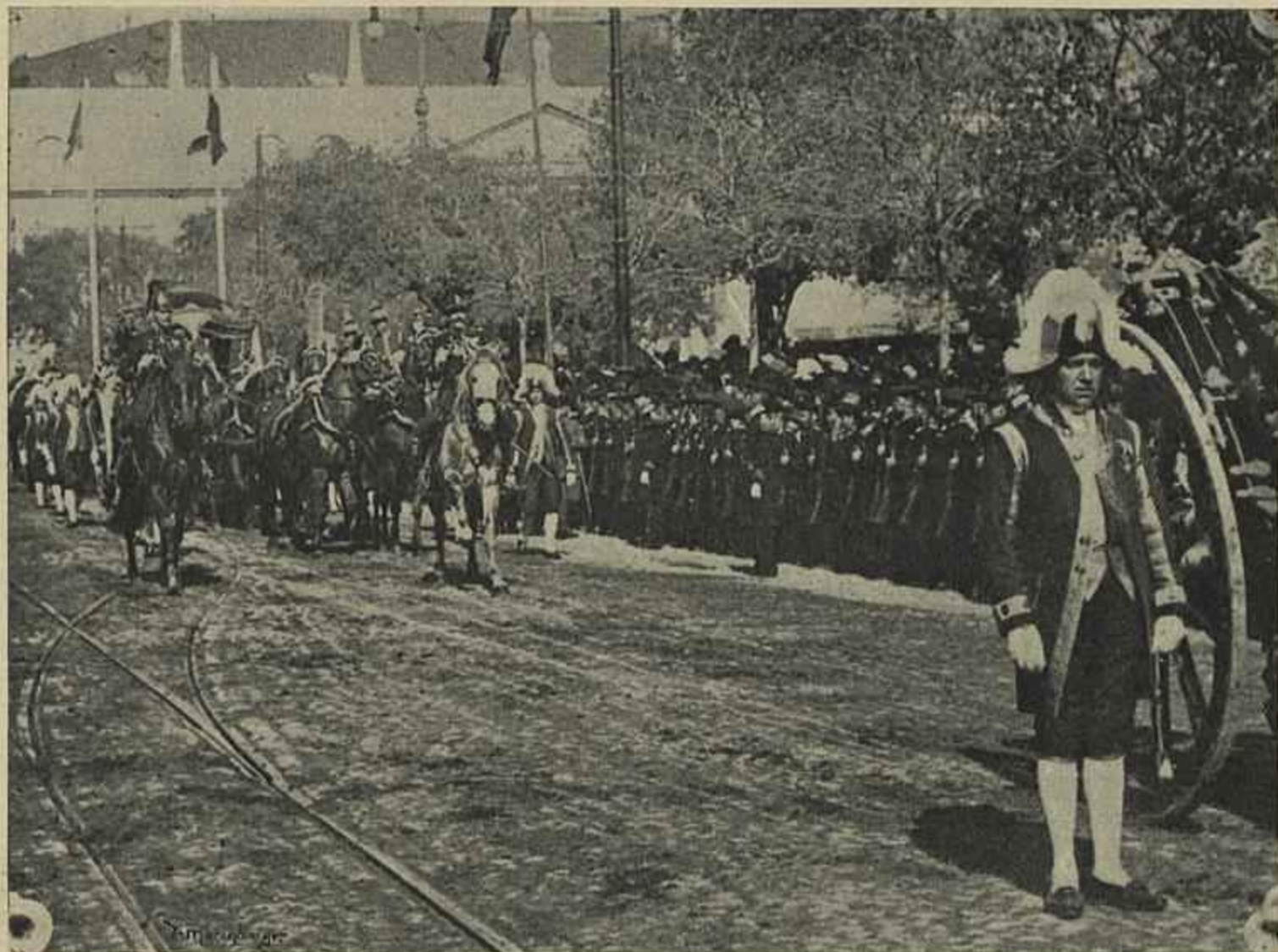


O THRONO NA SALA «PORTUGAL»

*Visita do Presidente Loubet a Lisboa*



O COCHE REAL — MR. LOUBET AGRADECENDO AS OVAÇÕES DO PÚBLICO



CHEGADA DO PRESIDENTE LOUBET — O CORTEJO DESFILANDO NO RÓDIO  
(Instantâneos do sr. Benoliel)

## Visita do Presidente Loubet a Lisboa



S. M. A RAINHA D. AMELIA E MR. LOUBET — PARTIDA DO PAÇO DE CINTRA

N'esse dia de manhã Mr. Loubet recebeu o sr. Alfredo Keil que foi offerecer a sua ex.<sup>a</sup> um lindo album com desenhos e musicas originaes, offerta que muito captivou o Presidente sendo altamente apreciada.

Pouco depois das 10 horas Mr. Loubet sahio do Paço de Belem com sua comitiva, e dirigiu-se para a estação onde tomou o comboio presidencial.

Mais uma vez Cintra recebeu a visita de um Chefe de Estado, e poudo fazer apreciar os seus naturaes encantos ao estrangeiro, onde sua fama corre ha largos annos.

Não foi menos festiva a recepção que Mr. Loubet teve n'aquelle pleno jardim de Portugal.

Quando o comboio chegou conduzindo o Presidente e Suas Magestades e Altezas, subiram ao ar

girandolas de foguetes e as musicas tocaram a *Marselheza*.

Os vivas á França, ao Presidente e á Familia Real, repetiram-se, na estação e por todo o trajecto até ao Palacio Real. Bandeiras tremolavam alegres nos mastros dispostos pela estrada; aqui e além philarmonicas tocavam, e o povo, que se agglomerava, pelo caminho abria respeitoso, alas, por onde seguiam os trens conduzindo os illustres visitantes e suas comitivas.

O almoço foi servido na Sala das Pêgas, onde duas mesas estão dispostas artisticamente, decoradas com bellos chrystaes, profusas flôres e onde se pôde admirar a primorosa baixela Saint Germain. Pela sala grandes macisos de plantas ornamentaes em que sobressaem magnificos fetos.

N'uma das mesas occupa o lugar d'honra El-Rei

D. Carlos, dando a direita á M.<sup>me</sup> Rouvier, conde de Sabugosa, Mr. Mollard, capitão Alvim, e a esquerda a sr.<sup>a</sup> condessa de Figueiró, general Dubois, Poulet, subalerno da guarda, aspirante Godinho e tenente Senna. Em frente de El-Rei S. A. o Principe Real tendo á sua direita a sr.<sup>a</sup> D. Carolina Coelho, e os srs. conselheiro Eduardo Villaça, ministro dos estrangeiros, Huguet, Paulo Loubet e Pires, capitão da guarda; á esquerda M.<sup>me</sup> de Cernay, srs. marquez de Soveral, Roulet, subalerno da guarda, aspirante Castelbranco e D. Fernando de Serpa. A's cabeceiras os srs. marquez-barão d'Alvito e visconde de Asseca.

Na outra mesa presidia S. M. a Rainha tendo á direita S. A. o Infante D. Affonso, Mr. Charles Rouvier, Mr. de Cernay, tenente-coronel Albuquerque e major Seabra de Lacerda; á esquerda os srs. conselheiros Eduardo José Coelho, ministro do reino, e Thomaz Rosa, ministro de Portugal em Paris, Mr. Le Brun, Mr. Pognon e conde de Arnoso. Em frente o Presidente Loubet dando a direita á sr.<sup>a</sup> marqueza do Fayal, Mr. Combarieu, Mr. Reibeil, visconde de Lucinière e D. Fernando de Serpa Pimentel; á esquerda a sr.<sup>a</sup> D. Izabel Saldanha da Gama, marquez do Fayal, Mr. Clement, 1.<sup>o</sup> tenente Leotte Rego, D. Antonio de Noronha (Paraty). Nas cabeceiras os srs. conde de Figueiró e D. Vasco da Camara (Belmonte).

Depois do almoço, foi o passeio ao Castello da Pena, maravilhoso solar real, onde não se sabe que mais admirar, se as bellezas d'arte d'aquelle monumento, se o esplendido panorama que d'alli se avista, surpreendente para quem pela primeira vez o desfructa.

As 4 horas era a recepção á colonia franceza no palacio da legação, por Mr. Loubet, onde tambem havia *garden-party* nos jardins.

Essa recepção foi imponente. As salas do palacio enchiam-se de convidados e Mr. Loubet foi recebido com salvas de palmias e calorosos vivas.

Em nome da colonia franceza Mr. Dr. Henry Mouton leu uma mensagem de boas vindas e em que fez referencias em extremo agradaveis para Portugal, onde a colonia franceza é acolhida com fraternidade.

Mr. Loubet respondeu dizendo, quanto o



NO PAÇO DE BELEM — COMITIVA FRANCEZA E OFFICIAES POTUGUEZES AGUARDANDO A SAHIDA DE MR. LOUBET  
(Instantaneos do sr. Benoliet)

impressionavam as manifestações carinhosas que tem recebido n'este paiz, o que lhe assegurava quanto o nome francez é amado e respeitado em Portugal, e faz votos para que sempre se conserve a lembrança da patria em todos os francezes, no proposito de paz, de liberdade e de justiça, n'esta boa terra hospitaleira de que leva tão gratas recordações.

Mr. Donan, presidente da Camara de Commercio Franceza, leu tambem uma mensagem d'esta corporação, que o Presidente Loubet agradeceu.

Mr. Loubet distribuiu varias condecorações aos membros da colonia que lhe foram apresentados por Mr. Charles Rouvier.

M.<sup>ms</sup> Barrault entregou a Mr. Loubet um leque que a colonia offereceu a M.<sup>ms</sup> Loubet, e que é de finas rendas, um primor d'arte devido á intelligente artista sr.<sup>a</sup> D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro.

Mr. Loubet presenteou com lindas joias a M.<sup>ms</sup> Rouvier esposa do ministro de França, e a M.<sup>ms</sup> Cernay esposa do 1.<sup>o</sup> secretario da legação.

Eram 6 horas quando o Presidente retirou da legação e se dirigiu para o Paço de Belem, onde houve jantar intimo, para o qual Mr. Loubet convidou o sr. conselheiro Thomaz Rosa, mr. Rouvier, mr. De Cernay, mr. Leprome, director da Companhia Real dos Caminhos de Ferro, mr. Donon, presidente da Camara do Commercio francez, mr. Bouneville, dr. Mouton e mr. Lugnan, industrial do Porto.

N'essa noite realisaram-se as illuminações em Cascaes e sarau na Cidadella, de que nos occuparemos no proximo numero, reproduzindo varios desenhos d'essa festa fantastica.

## D. LUIZ DA CUNHA

AS SUAS EMBAIXADAS E MISSÕES EM LONDRES, MADRID, HAYA, PARIS, E NO CONGRESSO DE UTRECHT — GOVERNO DE D. JOSÉ VASQUES DA CUNHA EM MASAGÃO, A SUA EMBAIXADA NA HAYA, E OS GOVERNOS DO CONDE DA CUNHA, D. ANTONIO ALVARES DA CUNHA, CAPITÃO GENERAL DE ANGOLA, E VICE-REI DO BRAZIL, ETC., ETC.

(Concluido do n.<sup>o</sup> 963)

### V

Era grande a distancia entre essas cortes de Paris e de Londres e a de Lisboa. A França e a Inglaterra subiam então ao auge, a despeito do ouro da America, nós desciamos, o reverso, da montanha. O sol dos nossos grandes dias ia quasi desaparecendo. Mas, lançado nesse mundo, nem a sua grandeza, nem o seu esplendor, deslumbraram os olhos do joven diplomata portuguez. Sentia-se tão bem como se lá tivesse nascido. Depois deixou-se ahi ficar até á morte. Parece-nos que era em Lisboa, que elle então se achava deslocado!

Esta vida parlamentar, desconhecida em Portugal, onde desde muito o povo tinha perdido até mesmo a memoria das suas antigas Cortes, aonde elle enviava os seus procuradores, esse *Forum* inglez, onde nos reis se faziam ouvir rudes, e ás vezes sanguinolentas verdades, era uma boa escola para formar verdadeiros estadistas, mesmo os que deviam representar Sua Magestade Fidelissima e muito absoluta, o rei de Portugal. Com este espectáculo não perdeu nada. Encontram-se os vestigios e a prova d'isso nos seus escriptos e na sua correspondência — em toda a sua obra diplomatica.

Neste seculo xviii, em que a espada dos generaes e a penna dos diplomatas se mostravam alternada e frequentemente, sobre o theatro do mundo, nem uns, nem outros, podiam estar por muito tempo ociosos. Os tratados nasciam das batalhas, e as batalhas dos tratados. Aqui reuniam-se os conselhos de guerra dos generaes, alli os congressos dos diplomatas. Havia as grandes potencias — a Austria, a França, a Inglaterra, a Hespanha, depois os estados secundarios, os Paizes Baixos, os estados do norte, a Polonia, em que reinava Carlos xn, a Dinamarca, a Suedia, os Eleitorados da Allemanha, os reinos italianos, o Papa, a Russia, que começava a despertar sob a forte mão do czar Pedro i, e a Prussia, de que Frederico ii, — o rei philosopho — marcava a apparição, ferindo já golpes de mestre. Tambem entrava nisto Portugal. Achavamo-nos envolvidos nesta sociedade, tão revolta, nas batalhas e nos congressos, e uns e outros eram numerosos.

Foi uma epoca muito agitada; combatia-se por toda a parte, na terra e nos mares! Sabia-se do seculo xvii e Luiz xiv, morrendo, tinha legado á

França e á Europa uma herança de gloria, de guerras, e de represalias, que chegou até nós, herança sanguinolenta, cujo processo tragico, desgraçadamente, ainda não terminou.

Na lucta dos interesses, tão grandes, tão ondulantes e tão diversos, o papel dos nossos diplomatas era muito difficil: nós tinhamos de nos defender dos nossos inimigos, e dos nossos amigos! A França e a Inglaterra tinham-nos ajudado na guerra — queriam tirar o proveito na paz. Disputavam entre si este mercado em que ambas, á porfia, procuravam collocar as suas mercadorias, os productos da sua industria. Nações colonias como nos, e depois de nós, que fomos os seus precusores e tambem os seus fornecedores, a sua ambição não se limitava á exploração de Portugal no continente; as nossas colonias, muito importantes — O Brazil ainda era nosso — offerciam um campo vasto ás mais lucrativas especulações do commercio.

A leitura da correspondência de D. Luiz da Cunha offerce-nos o curioso espectáculo d'esta lucta, em que estavam envolvidas as duas nações. Os recontros davam-se em Lisboa, nos salões do ministro e dos embaixadores, que aqui chegavam, com instrucções, em que lhes era recommendado difficuldar e impedir por todos os meios a realisação dos planos, das intrigas, da nação rival. N'esta campanha diplomatica a Inglaterra ficou victoriosa.

Não são menos curiosos na nossa historia colonial, os documentos que se referem á organização das grandes companhias, que se formaram em França, nos Paizes Baixos, na Inglaterra com o fim de explorarem o commercio do ultramar.

Além d'estas poderosas associações maritimas com um caracter official, existiam outras, que exploravam os mares, a despeito dos tratados — eram os corsarios, — não sómente os barbarescos, mas os piratas francezes e inglezes, que vinham pôr-se á espreita nas costas de Portugal, atacavam e roubavam os galeões da India e do Brazil, e não encontravam ahi, desgraçadamente, como outrora, Duarte Pachecos, que os mettessem no fundo. Esta industria arriscada de ladrão dos mares enriquecia os armadores dos portos do Mediterraneo e do mar do norte, e, dado o golpe, o ataque e a pilhagem acabada, era sempre muito tarde que chegavam as reclamações do governo de Lisboa, aos ouvidos interessadamente surdos, dos de Paris, de Londres ou da Haya. Os negocios adormeciam, e a razão era clara; alguns milhões, que havia a restituir, e de que ahi gastavam, tinham necessidade d'elles. E assim o *sic vos, non vobis* — era verdadeiro mais uma vez contra nós.

Muito rica esta *Collecção Cunha* — onde, além dos documentos que pertencem ás embaixadas de D. Luiz da Cunha, se encontram os de D. Antonio Alvares da Cunha e de D. José Vasques da Cunha — personagem d'um merito secundario, se o compararmos com D. Luiz mas que occuparam logares muito importantes na diplomacia em Haya, e na administração das nossas colonias na Africa, e na America, onde foram vice-reis — Esta collecção não comprehende sómente os despachos diplomaticos, as memorias, os projectos de tratados, os estudos politicos do famoso diplomata, ha ainda a accrescentar-lhe documentos historicos, d'um tão raro valor, as respostas, as cartas, em que os diplomatas, os consules, e os chefes dos governos estrangeiros, faziam ver as razões, os motivos determinantes das suas resoluções e actos. Enfim, vê-se ahi reunidos o pró e o contra, todas as peças do processo, que o historiador acha quasi sempre dispersas, e que são tão difficil de encontrar.

Abraçando um periodo superior a cem annos estes documentos lançam a mais viva luz sobre os personagens e acontecimentos notaveis do seculo xviii, occupam nos nossos archivos, pelo seu merito absoluto, um logar muito interessante para o estudo da nossa historia moderna, na Europa e nas nossas colonias. Contém informações preciosas para o estudo e resolução de questões e negocios, que hoje ainda estão em litigio. São ineditas as *Memorias*, que o nosso grande diplomata offerceu á *Bibliotheca Real*. Nos não as conhecemos, mas é provavel que seja nos documentos d'esta *Collecção Cunha*, que se achem as provas, os fundamentos d'esta obra.

E' mais um merecimento a accrescentar aquelles que procurámos pôr em relevo, e que recommendam tão altamente a sua acquisição para o nosso Archiv Nacional.

Terminaremos estas considerações sobre um dos mais antigos representantes da velha nobreza de Portugal, e certamente um dos seus maiores diplomatas, se não o maior, referindo a apreciação que o marquez d'Argenson fez d'elle, o que se lê na *Correspondance de Portugal* — D. Luiz

da Cunha — diz elle — *tem setenta annos. E' um homem consumado nas negociações, em que tem sido empregado ha 40 annos. Tem muito espirito; julgo que tem o espirito justo.* Estes elogios não se faziam muitas vezes no mundo politico d'aquelles tempos.

Entrando na diplomacia em 1697, aos 35 annos, D. Luiz da Cunha era chegado ao fim da sua longa e gloriosa carreira. Viveu muito tempo, e ponde, como tantos outros homens illustres do seu paiz, antes e depois d'elle, repetir as palavras de Scipião — *Ingrata patria...*

Janeiro, 16, de 1905.

ZACHARIAS D'ACÁ.

## LITERATURA RUSSIANA

### TREMENDA NOITE!

(Concluido do n.<sup>o</sup> antecedente)

No quarto do meu amigo, tal qual no meu, acabava de ver um ataúde.

O ataúde do meu amigo tinha duas vezes o tamanho do meu e a quarnição cór de castanha imprimia-lhe aspecto de singular tristeza.

Como viria ali parar?... Agora, já me não éra licito duvidar de que deixasse de ser illusão optica. ... Era impossivel a presença de um ataúde em cada quarto. Não havia que duvidar, era doença dos meus nervos, méra allucinação! Fosse eu para onde quer que fosse, veria por toda a parte na minha frente a pavorosa imagem da morte. Era caso manifesto ir-se apossando de mim a loucura, entrara-me a mania dos ataúdes e não havia mister de muitas investigações para encontrar o motivo daquelle meu estado de loucura: bastava lembrar-me da sessão de espiritismo e daquellas palavras de Spinoza.

Dou em doido! pensei aterrado, agarrando a cabeça ás mãos ambas. Meu Deus! Que será de mim?

Como que me estoirava a cabeça, ia-me abaixo das pernas... Chovia a cantaros, trespassava-me o vento e eu sem pellica e sem chapeu. Voltar para trás a buscá-los á casa de hospedes, nem pensar n'isso!... Intanguido de pavor, sentia gelados os membros! Punham-se-me os cabelos em pé, o suor frio escorria-me da testa, a despeito de estar convencido de que era allucinação e mais nada.

Que alvitre se me facultava? proseguiu Panikhidine. Estava a ponto de endoidecer e arriscado a apanhar um resfriamento.

Afortunadamente ocorreu-me que, a dois passos da rua de Meurtvy, residia um meu fiel amigo, o doutor Pogostof, que alcançara, em data recente, o seu diploma, e que, justamente, assistira comigo á tal sessão de espiritismo. Tratei logo de ir procurá-lo... Ainda não tinha casado com aquella lojista rica com quem mais tarde casou e morava no quinto andar do predio do conselheiro d'Estado Kladbischtchenski.

Estava escrito que lá em casa de Pogostof os meus nervos tinham que padecer novo tormento. Lá eu subindo para o quinto andar, eis se não quando, oiço um ruido tremebundo. Lá no topo, andava alguem, ás carreiras, com grande estrupido de pés e a bater com as portas. Ouvi uns gritos dilacerantes: *Accudam! accudam!* porteiro! Acto continuo, eis que desço d'encontro a mim um vulto lugubre com uma pellica e um chapeu alto, acovichado...

— Pogostof! bradei, identificando o meu amigo. És tu? Que te aconteceu?

Assim que me alcançou, Pogostof parou de chofre e com mão convulsa travou-me da mão. Vinha enfiado, com a respiração offegante e todo elle a tremir. Com os olhos espipados e o peito a arfar...

— És tu, Panikhidine? perguntou com a voz tomada. Dize, és tu?

Estás branco que nem uma alma do outro mundo que surgiu da campã...

Mas que digo eu! Serás tu uma allucinação?... Santo Deus... até metes medo!

Mas que tens tu? Estás com o parecer transornado de todo!

— Ai! meu rico amigo, deixa-me tomar a respiração... Ainda bem que me appareces, se é que és tu, a valer, e não ainda uma allucinação. Maldita sessão de espiritismo... A tal ponto me abalou os nervos que, assim que voltei para casa, ora imagina, vi no meu quarto... um ataúde!

Duvidei de haver ouvido bem, e pedi-lhe que repetisse...

— Um ataúde, um ataúde, todo inteiro e inte-

grado! confirmou o doutor sentando-se num degrau, exausto de forças.

Serei tudo menos medroso, mas o proprio demonio se tomara de medo dado o caso de, em seguida a uma sessão de espirítismo, ir esbarrar ás escuras com um caixão de defunto!

E eu, a gaguejar, peguei a contar ao doutor o caso daquelles atitudes que tinha visto.

Pelo espaço de um minuto ficámos a olhar um para o outro, com os olhos espantados e a boca escancarada, de assombrados.

E, incontinenti, afim de nos convenceremos de como não estávamos allucinados, pegámos aos beliscões um ao outro.

— O caso abalou-nos a ambos, proferiu o doutor, e por conseguinte, não estamos a dormir, neste momento, vemos tudo claramente e sem que entrevenha o somno. E por tanto, os atitudes, quer o meu quer os teus dois, não são illusões de optica, existem! E agora, amigo, que achas tu que se faça?

Após uma boa hora invertida na escada, gelida, a desfazer-nos em supposições e conjecturas, completamente tranzidos de frio, decidimos dar de mão ao minimo vislumbre de pusillanidade, ir acordar o criado que dormia no corredor e entrar com elle no quarto do doutor. Foi dito e feito. Ao dar entrada no quarto, acendemos uma vela e, com effeito, vimos um ataúde, guardado de brocado branco com uma franja e borlas, douradas. O criado persignou-se, com a maxima compuncção.

— E agora, resta saber, emitiu o doutor, todo enfiado e a tremer como varas verdes, se está vazio ou habitado este ataúde?

Após demorada e comprehensivel hesitação, delirou-se o doutor e, com os dentes cerrados pelo medo e a expectativa, levantou a tampa ao caixão. Olhámos para dentro, . . . estava vazio. . .

Cadaver era coisa que ali não havia, em compensação, contudo, encontramos uma carta, que rezava assim:

«Meu caro Pagostof! Sabes que os negocios do meu sogro andam um tanto embrulhados. Está todo elle comido de dividas. Amanhã ou no outro dia vem fazer-lhe penhora, golpe derradeiro para a familia quer d'elle, quer minha; e a nossa honra, que eu prezo acima de tudo mais, ficará manchada para sempre. Hontem, no conselho de familia, decidimos esconder tudo que tivesse algum valor. E, como toda a riqueza de meu sogro consistia em caixões, (é o melhor fabricante de ataúdes da cidade, conforme sabes), resolvemos sumir os mais sumptuosos. Dirijo-me á tua pessoa, pois sei que és meu amigo, ajuda-me. salva a minha fortuna e a nossa honra! Esperançado em que me não negarás um tal serviço, remetto-te, caro amigo, um ataúde, e peço-te que o escondas conservando-o em tua casa até que eu t'o mande pedir. Se nos não valerem os amigos e os conhecidos, que será de nós! Espero que me não negarás este meu pedido, tanto mais que o ataúde se não demorará em tua casa além de uma semana. A quantos considero como amigos verdadeiros enviei remessa identica e conto com a generosidade e honradez de todos elles.

Teu amigo que muito te estima

Ivan Tchelustine.

Em seguida a esta aventura levei tres menses a socegar os desequilibrados membros; o nosso amigo, genro do fabricante de ataúdes, salvou a propria honra e os haveres; actualmente, administra um escritorio de sahimentos funebres e vende monumentos funerarios. Nem por isso faz muito negocio, e todas as noites, quando recolho para casa, venho sempre receoso de topar á beira do meu leito com um sarcophago de marmore branco ou com um catafalco.

M. MACEDO.

## A natureza e seus phenomenos

### PARTE III CALORICO

#### CAPITULO III

##### APPLICAÇÕES DO CALOR

(Continuado do n.º 965)

Para determinar a combustão de um corpo, é necessario accendel-o o que equivale a elevar a sua temperatura. Ha porem, corpos que ardem apenas em contacto com o ar ou oxygenio — em geral, a agua apaga a combustão; no entanto,

esta póde realisar-se no seio d'esse liquido desde que n'ella existam substancias que tenham entre si grande afinidade.

Os corpos solidos que ardem sem se decompor, ou vaporisarem, não dão chamma.

A chamma é produzida por um gaz em combustão. — O carvão arde com chamma, devido aos gazes que contem. — Na combustão da cera, stearina, etc., pelo calor da combustão do pavio, essas substancias fundem-se, sahem pela torcida, em virtude da capillaridade, decompondo-se com desenvolvimento de gazes, o que produz a chamma. E' o que succede com as velas formadas d'estas substancias. O brilhantismo de uma chamma, depende da presença de um corpo solido que incandescente se deposita n'ella. E' o que se observa na luz Drummond. A chamma é devida ao hydrogenio que ardendo no oxygenio, produz uma temperatura elevada, com chamma pouco brilhante; porem, introduzindo-se-lhe um fragmento de cal, a luz torna-se intensa.

O brilhantismo da chamma da vella é devido ao carvão que n'ella se deposita, resultante de uma combustão incompleta. Quando ha produção de fumo esta não se realiza completamente.

A luz de magnesio produz igualmente uma chamma brilhante devido á combinação d'esse corpo com o oxygenio, formando a *magnesia*, po branco que se deposita no seio da chamma.

Com a lampada de Bunsen, podemos tambem obter elevada temperatura. Consta esta lampada de dois tubos concentricos nos quaes o interior recebe por meio de uma torneira, o gaz de iluminação, e o exterior tem na base, uns poucos de orificios por onde entra o ar que activa a combustão. Com os orificios abertos, a chamma é pouco viva, mas possui uma temperatura elevada, com os orificios fechados. A chamma é mai brilhante, tendo, no entanto, *uma temperatura mais baixa*.

Se n'uma chamma, collocarmos uma rede metallica de malha muito fina, a chamma fica interrompida, e não passa alem da rede, sendo esse facto devido a um enfraquecimento que a substancia causa experimenta, communicando com o metal, e produzindo-se abaixamento de temperatura, d'onde resulta a chamma apagar-se; contudo o gaz passa por cima da rede inflamando-se de novo, se lhe aproximarmos um pavio accessivo. As applicações d'esta propriedade são innumeradas, sendo a mais importante, a lampada de Davy, empregada nos trabalhos mineiros, afim de evitar explosões que se davam, se o ar se misturasse com as substancias explosivas.

Esta lampada consta de um reservatorio de azeite que se enche por meio de uma abertura lateral, sendo a chamma envolvida por uma chaminé de vidro e a lampada revestida de uma rede metallica. O ar servindo para alimentar a combustão, entra, por baixo, através de redes, e os productos da combustão sahem pela parte superior, igualmente, através de redes.

— Para o aquecimento das habitações, utilizam-se os *braseiros*, *chaminés* ou *fogões* nos quaes, o aparelho de combustão (*fornalha*) se colloca na sala onde se pretende fazer o aquecimento e os calorificos onde esse foco não é visivel.

(Continua)

ANTONIO A. O. MACHADO.

### THEATRO DO PRINCIPE REAL A FEITICEIRA

Como apaixonados pela arte dramatica, lastimámos no penultimo numero d'esta revista, que uma actriz da envergadura de Anna Pereira estivesse afastada do theatro, onde tão bons serviços ainda poderia prestar. Hoje, porém, embandeiramos em arco, pomos luminarias e damos largas á philarmonica do nosso contentamento por termos a registar a reaparição de Lucinda do Carmo, uma actriz igualmente distincta.

Depois de estar, alguns annos, arredia do palco, eis que de novo refulge o seu peregrino talento e o popular theatro da rua da Palma, como o velho pae que de braços abertos recebe o filho prodigo, appareceu agora illuminado a luz electrica, como que para festejar o regresso d'essa notavel artista que tantas noites de gloria teve no palco.

A illustre interprete da *Cigarra*, e da *Cossaca* foi recebida com grande enthusiasmo pelo publico, que tinha saudades d'ella, e na sua nova criação mostrou mais uma vez quanto vale.



MAXIMILIANO DE AZEVEDO

Lucinda do Carmo firmára de ha muito os seus créditos de artista de primeira plana no vaudeville, na alta comedia e mesmo no drama; mas nunca a haviamos visto n'um papel da intensidade dramatica da *Feiticeira*. A forma porque reproduziu aquella pobre moura, victima do fanatismo da epoca e do seu entranhado amor pelo filho do governador, é prova exuberante da intelligencia e illustração da gentil actriz.

Lucinda do Carmo pela quarta vez se encarrega de personagens creadas por grandes sumidades scenicas do estrangeiro, saindo sempre victoriosa. Foi assim que nos deu no demolido theatro dos Recreios a *Nituche* e a *Lili*, duas corças da divina Judic; em D. Maria, a *Locandiera*, de Goldoni, esplendido trabalho da Dusé e agora, no Principe Real, a *Sorciere*, que Victorien Sardou talhou de preposito para o theatro artistico da genial Sarah Bernhardt.



THEATRO DO PRINCIPE REAL

Esta peça, que fez grande successo em Paris, é o primeiro exito dos nossos theatros na epoca actual. Escripita pela mão firme d'um mestre da estatura do prodigioso auctor da *Fedora*, *Tosca*, *Madame Sans-Gêne*, *Thermidor*, *Dora*, *Gismonda* e *L'Aiglon*, colossaes successos de theatro, e traduzida correctissimamente pelo abalizado escriptor Maximiliano d'Azevedo, que muitas vezes tem enriquecido o OCCIDENTE com os productos da sua brilhante penna, fazia antever tão feliz resultado. Era de esperar que as enchentes se succedessem, o que se está passando desde 6 de outubro, em que teve, entre nós, a sua primeira. Para o grande agrado do drama eram indispensaveis o bom desempenho e o luxo da mise-en-scène e d'um e d'outro se saíram airoosamente os actores, actrizes, ensaiador e o empresario Luiz Ruas, que para maior brilhantismo apresenta um magnifico scenario do artista de Milão, Antonio Rovescalli.

O OCCIDENTE, no cumprimento da sua missão de dar conta aos leitores de actualidades palpitantes, consagra ás representações em Lisboa da *Feiticeira*, de Sardou, este modesto artigo publicando tambem as gravuras do festejado escriptor francez, do seu traductor, da protagonista da peça, do theatro do Principe Real e do seu empresario. (1)

PEDRO PINTO

(1) N'um dos proximos numeros publicaremos o retrato do empresario sr. Luiz Ruas, o que não fazemos hoje por inconveniente de paginação.

